

Três Guerreiros e uma Dama

AURÉLIO DE OLIVEIRA



Três Guerreiros e uma Dama

Cauê é um indiozinho que já está crescendo. Anda louco para sair com os adultos e caçar junto com eles. Mas o feiticeiro da tribo diz que tudo isso só poderá acontecer depois da visita dos Três Guerreiros e da Grande Dama. Quem seriam eles?

Tema científico:
As Estações do Ano

ISBN 85-85377-42-2



9 788586 377426

Speed
editorial

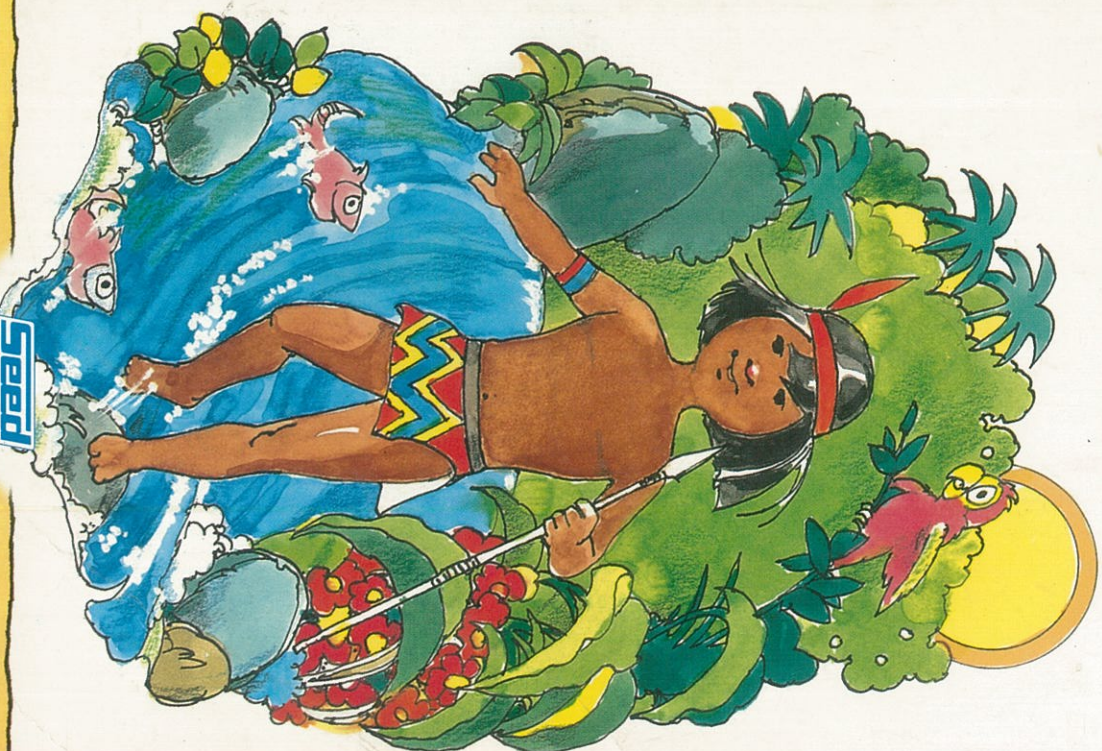


UMA
INICIATIVA DA
FUNDAÇÃO
ARRINO PELOS
DIREITOS
DA CRIANÇA



EMPRESA
AMIGA DA
CRIANÇA

Speed
editorial



EDITOR:

Rodrigo Bandeira de Luna

TEXTO:

Aurélio de Oliveira

ILUSTRAÇÕES:

Juvenal Ramos

PREPARAÇÃO DE TEXTOS E REVISÃO:

Beth Gouveia e Aurélio de Oliveira

PRODUÇÃO GRÁFICA E FOTOLITOS:

Picture editorial, studio e fotolitos

IMPRESSÃO:

Cromoprint Gráfica e Editora Ltda.

Coleção Contando Ciências:

Tita, a truta curiosa - eletricidade

Os cinco presentes - os cinco sentidos

O espantalho inteligente - anatomia humana

Pedrinho ficou esperto! - vitaminas

Que rei sou eu? - classificação dos animais

O sol está molhado! - sistema solar

Bicho curioso - as diferenças no reino animal

O cavaleiro das estrelas - higiene bucal

Briga de reis - saúde pública

Três guerreiros e uma dama - as estações do ano

O menino árvore - o reino vegetal

O milagre da vida - cadeia alimentar

**Todos os direitos reservados pela
Seed Editorial Ltda.**

Rua José Maria Monteiro, 39

CEP 04124-040 – São Paulo – SP

Tel./FAX: (011) 575-3653 e (011) 971-3019

e-mail: seed1@ibm.net

ISBN 85-86377-42-2



Três Guerreiros e uma Dama

AURÉLIO DE OLIVEIRA

Capa e ilustrações: Juvenal Ramos





O pequeno Cauê saiu da oca de seus pais disposto a falar com o chefe da tribo.

Queria de qualquer jeito tornar-se um guerreiro. Queria caçar, andar pelo mato sozinho em busca de frutas, pescar no grande rio... Estava cansado de ver os grandes guerreiros partirem para aventuras e ele ter de ficar junto das mulheres e de outras crianças da tribo.

— Caiumã! — disse Cauê respeitosa-mente, entrando na tenda do Grande Chefe.

— Oh! — fez o chefe. — Pequeno Cauê! O indiozinho sentou-se e perguntou:

— Grande Chefe! Quando eu vou poder sair para caçar e pescar junto com os grandes guerreiros?

Caiumã chupou o cachimbo de bambu e encheu a tenda de fumaça. Cuspiu para o lado e respondeu:

— Pequeno Cauê já está alto. Já está crescido. Mas ainda é preciso passar muitas luas para pequeno Cauê ser índio grande. Índio grande não é grande só no tamanho das pernas... tem de ser grande também na cabeça.

Cauê, com as duas mãos, mediu o tamanho de sua cabeça. Caiumã, com um sorriso, chupou novamente o cachimbo e disse:

— Não, pequeno Cauê! Não falo do tamanho que você tem do lado de fora da cabeça, mas a grandeza que você tem de ter por dentro.

O indiozinho Cauê cruzou os braços sem entender nada.



– Mas não entristeça seu coração! – continuou Caiumã. – Quando voltarem os Três Guerreiros e a Grande Dama, Cauê já estará preparado para ser, também, um grande guerreiro.

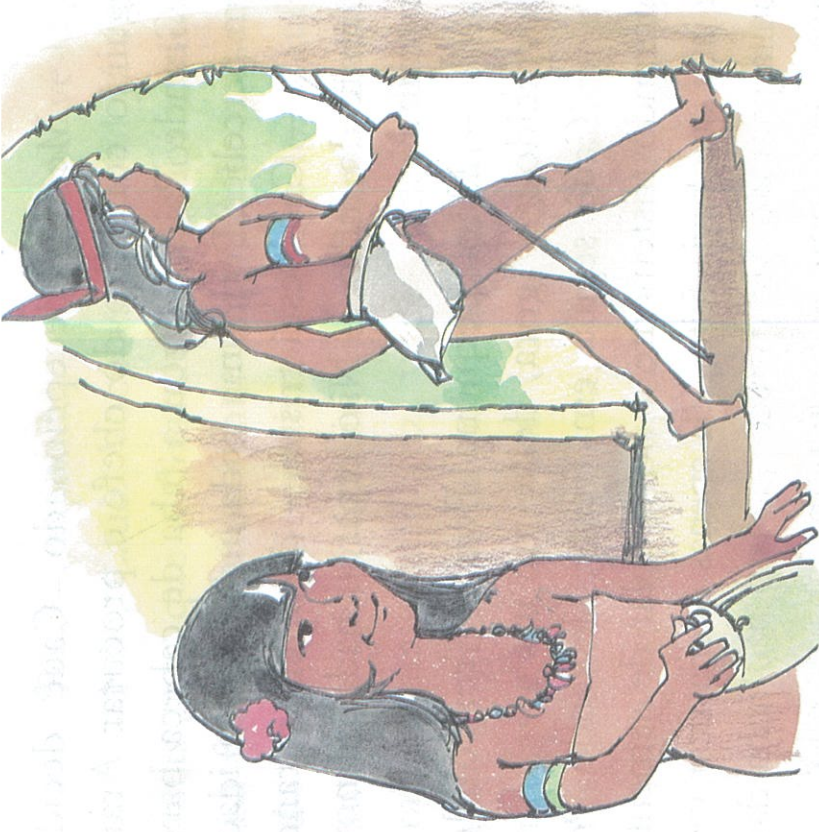
– Quem são eles? – perguntou Cauê, ainda sem entender.



– Pequeno Cauê... – respondeu o chefe guardando o cachimbo –, vá até a tenda de Araré, o grande pajé. Ele vai contar quem são os Três Guerreiros e a Grande Dama e aí você vai entender tudo.

O indiozinho levantou-se e, antes de sair, Caiumã ainda falou:

– Pequeno Cauê, para ser grande não basta crescer. É preciso viver...



Mesmo decepcionado, Cauê decidiu seguir o conselho do chefe e procurar Araré, o Grande Pajé. Cruzou a taba de cabeça baixa, sem perceber Poti, uma linda índia de sua idade.

— Cauê está triste! — disse ela parando à frente do índio. — Não reparou nada de novo em mim?

— Não, pequena Poti! — respondeu aborrecido. — Agora, deixe-me ir...

Cauê seguiu em frente, deixando Poti segurando tristemente o novo colar de sementes de jataí que havia feito. Ela apenas queria ficar mais bonita para ele. Mas parece que isso não tinha dado muito certo, porque Cauê nem tinha notado...

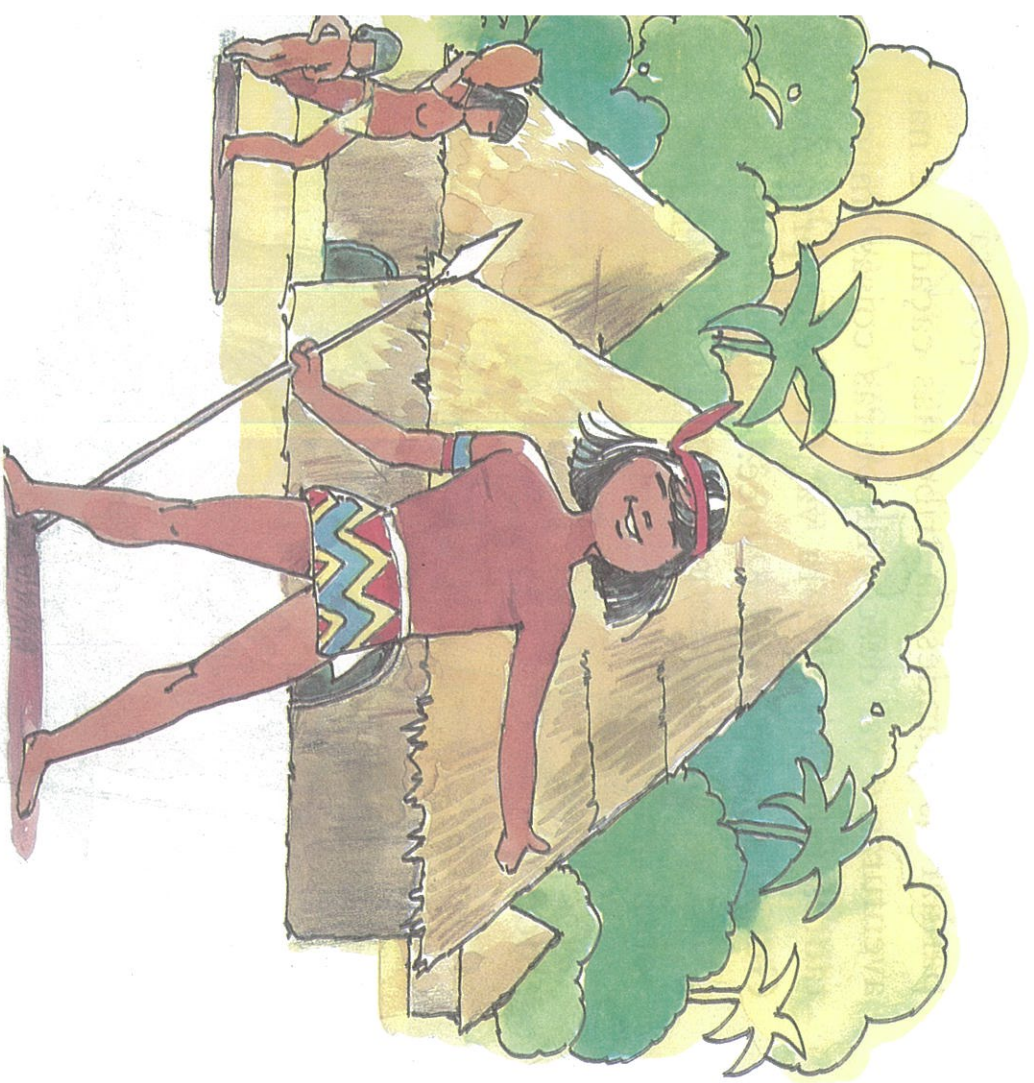
Na oca de Araré, Cauê ouvia com atenção de coruja.

— É por isso — dizia o pajé — que todos os anos os Três Guerreiros e a Grande Dama chegam até nós. Para avisar a tribo que o tempo está passando e lembrar os índios das obrigações que devemos ter com nossas roças de milho, de mandioca e com nossas criações. Cauê é uma criação da tribo, tá ouvindo?

— Tô... — respondeu. — E eu vou vê-los?
— Não, Cauê! Você vai *senti-los!* Já faz algumas luas que a Grande Dama foi embora. Lá fora podemos sentir uma cálida presença do primeiro Guerreiro. Vá vivê-lo, Cauê! Quando os três Guerreiros e a Grande Dama voltarem mais uma vez, você poderá acompanhar os grandes da tribo nas caçadas e nas aventuras e vai descobrir outras coisas importantes também. Agora vá, Cauê. O primeiro Guerreiro espera por você.



Cauê saiu da oca de Araré e sentiu a carícia quente do sol. Eram as mãos do Verão, o primeiro Guerreiro. O pequeno índio sentiu-o alto, forte, musculoso, alegre e acolhedor.



Com ele, Cauê notou que as roças de milho e mandioca cresciam e ficavam maduras, mas descobriu também que seu calor fazia secar as águas do ribeirão.



O tempo passou e chegou o segundo Guerreiro. Não era alegre e acolhedor como o Verão. Seu nome era Outono e Cauê sentiu-o como um velho encurvado e muito bondoso com a tribo pois, nessa época, enquanto ele soprava um vento gostoso, as mulheres da tribo colhiam milho e mandioca maduros.



As luas foram passando e chegou o terceiro Guerreiro. Cauê sentiu-o carrancudo, triste e melancólico. Chamava-se Inverno e a mata, com ele, ficava desolada. Os animais escondiam-se em suas tocas para dormir e a tribo fazia grandes fogueiras para se proteger do seu sopro gelado.



Certa manhã, Cauê acordou com o canto de um pássaro anunciando a chegada da Grande Dama. Cauê correu até a mata e sentiu o seu perfume. Seu nome era Primavera e acariciou a face bronzeada do índio com um raio de sol. Cauê notou que a mata estava brilhante e tudo parecia uma grande festa.



Os animais corriam aos pares. Um casal de coelhos aninhou-se na toca e um par de sabiás, com muita cantoria, levava gravetos para fazer um ninho. Estavam todos felizes.

Cauê olhou-se no espelho de um riacho e viu-se grande. Voltou correndo para a taba para dizer ao Grande Chefe que já era um guerreiro e que agora poderia acompanhar os grandes nas caçadas, nas aventuras...





Encontrou Poti pelo caminho. Parou de repente.

- P-Poti... - gaguejou Cauê surpreso.
- Cauê... - respondeu ela com um brilho no olhar.

O índio, segurando-lhe a mão, sentiu como se uma flecha houvesse espetado seu coração.

- Você está diferente... bonita!
- Poti espremeu os lábios num sorriso acanhado e, com a ponta dos dedos, brincou com o colar de sementes de jataí.

- P-Puxa... - disse Cauê - Muito bonito esse colar que você fez...

Poti deu-lhe o mais belo dos sorrisos!

SAIBA MAIS SOBRE AS ESTAÇÕES DO ANO

A história que você acabou de ler trata das quatro Estações do Ano. Elas acontecem porque a Terra gira em torno do Sol e é ligeiramente inclinada. A Terra vai mudando de posição em relação ao Sol, e a temperatura das diferentes regiões vai se modificando de acordo com a época do ano.

No Verão, os dias são quentes e longos e as noites são agradáveis e curtas, porque a região está diretamente sob o Sol, recebendo mais luz e calor. No Verão, as plantas crescem fortes e cheias de frutos. No Inverno, os dias são frios e curtos e as noites mais frias e longas, pois a luz e o calor do Sol incidem naquela região de modo oblíquo, meio enviesado. No Inverno as plantas ficam mais secas e sem folhas. No Outono e na Primavera, a temperatura é mais agradável e a duração do dia e da noite é mais ou menos igual, pois o Sol está, para aquela região, no meio caminho entre sua posição direta e sua posição enviesada. No Outono, as plantas começam a secar e os frutos são colhidos. Na Primavera, muitos brotos novos aparecem e as plantas vão desenvolver-se e crescer.

Quando é Verão no Brasil e em toda a metade sul do planeta, é inverno na metade norte. Do mesmo modo, quando é Primavera aqui, é Outono no hemisfério norte, ou na metade norte.

